

APRISIONADAS: O ENCARCERAMENTO FÍSICO E SIMBÓLICO DAS MULHERES REPRESENTADO NA WEB SÉRIE *ORANGE IS THE NEW BLACK*

Júlia dos Anjos Costa (Pós-Crítica/UNEB)¹

Resumo: A presente pesquisa questiona em que medida as opressões de gênero são representadas na web série *Orange is the new black* (OITNB) e de que maneira essa representação contribui para reflexão sobre o encarceramento físico e simbólico que as mulheres sofrem dentro e fora das prisões. Nesta etapa da pesquisa, apresentamos a construção do sumário. O primeiro capítulo parte de relatos históricos sobre a trajetória punitivista da humanidade, buscando relacioná-la com a situação do sistema prisional brasileiro (especificamente do feminino), expondo e analisando dados estatísticos e abordando circunstâncias históricas, políticas e sociais, a fim de contextualizar a pesquisa para justificar os parâmetros comparativos com a web série OITNB, revelando como a privação da liberdade das mulheres tem fundamentos punitivos influenciados pela dominação masculina. Em seguida, no segundo capítulo, abordam-se os desdobramentos críticos a respeito do objeto no que tange a produção técnica, temática e enredo; além de um breve panorama a respeito dos padrões estéticos e comportamentais da figura feminina explorados pelas produções audiovisuais; finalizando com uma reflexão sobre em que medida a apropriação do discurso feminista na web série é de fato benéfica. No terceiro capítulo, busca-se analisar, a partir de recortes de cenas e diálogos presentes na web série, opressões de gênero vividas pelas personagens dentro do presídio e que também podem representar os encarceramentos simbólicos vividos pelas mulheres cotidianas. No quarto e último capítulo, pretende-se dialogar sobre o enfrentamento das mulheres diante do contexto opressor que se perpetua, relacionando-o com possíveis mecanismos de resistência. Ao longo do percurso de escrita ainda será possível identificar resultados relevantes não apontados até o momento.

Palavras-chave: Encarceramento simbólico. Dominação masculina. Web série. *Orange is the new black*.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa questiona em que medida as opressões de gênero são representadas na web série *Orange is the new black* (OITNB) e de que maneira essa representação contribui para reflexão sobre o encarceramento físico e simbólico que as mulheres sofrem dentro e fora das prisões. Nesta etapa da pesquisa, em via de qualificação, apresentamos a construção do sumário da dissertação, conforme explicação a seguir.

EXPLORANDO O SUMÁRIO

Na Apresentação, intitulada como “Primeiras prisões”, início com a seguinte fala de Audre Lorde²: “*Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.*” A partir dela, nesta sessão narro brevemente minha trajetória de vida marcada por um contexto familiar machista, seguida por experiências pessoais em que as opressões

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Endereço eletrônico: julia.anjoscosta@hotmail.com.

² Audre Lorde foi uma escritora americana de descendência caribenha, feminista lésbica e ativista na luta pelos direitos humanos.

de gênero estiveram presentes. O intuito é apresentar o trabalho revelando que estas situações são promovidas pelo poder simbólico da dominação masculina, sendo interpretadas como formas de encarceramento, justificando a escolha de um produto audiovisual que trata sobre o encarceramento de corpos femininos e opressões de gênero. Desse modo, busca-se fazer uma ligação entre as diversas prisões em que as mulheres são lançadas, físico e emocionalmente, dentro e fora dos presídios. Ou seja, ainda que as correntes diferenciem nossos sofrimentos, o sentimento de aprisionamento permanece.

Na Introdução, a fim de guiar o entendimento sobre a pesquisa, inicia-se com um breve panorama acerca das prisões femininas e relevância do tema, seguidos pela explanação sobre a escolha da web série *Orange is the new black* como objeto de pesquisa, justificando e apresentando os objetivos buscados e metodologia utilizada.

No Capítulo 1, intitulado **A institucionalização dos aprisionamentos: dos suplícios medievais à realidade dos presídios femininos no Brasil**, partimos da descrição da abertura da web série *Orange is the new black*, onde procura-se suscitar a imagem desumana das prisões. Seguindo pela explanação de relatos históricos sobre a trajetória punitivista da humanidade, busca-se relacioná-la com a situação do sistema prisional brasileiro (especificamente do feminino), expondo e analisando dados estatísticos, abordando circunstâncias políticas e sociais, a fim de contextualizar a pesquisa para justificar os parâmetros comparativos com a web série, revelando como a privação da liberdade das mulheres tem fundamentos punitivos influenciados pela dominação masculina. Para realizar tal explanação, este capítulo subdivide-se em três tópicos: **Marcas da crueldade; Primórdios do cárcere feminino e Cenário atual do cárcere institucionalizado.**

No Capítulo 2, intitulado **Orange is the new black: sobre laços e correntes**, abordamos a desdobramentos críticos a respeito do objeto. No subtópico **2.1. Uma produção feita por mulheres e para mulheres** busca-se explicar, inicialmente, sobre questões técnicas a respeito da web série OITNB, destacando a relevância de um produto midiático produzido por mulheres em diferentes níveis, bem como o ineditismo da temática prisional feminina em filmes e séries, bem como o elenco caracterizado pela diversidade. Busca-se também suscitar os laços de afeto que sustentam a narrativa e revelam a importância do combate ao estereótipo da rivalidade feminina em diferentes espaços sociais. Tal rivalidade também é uma forma de encarceramento simbólico, pois ao impedir que mulheres se olhem com empatia, impede também que as mesmas se unam em prol da coletividade.

No subtópico **2.2. Padrões que algemam**, apresentamos um breve panorama a respeito dos padrões estéticos e comportamentais da figura feminina explorados pelas produções audiovisuais. Dentro da tentativa de evidenciar encarceramentos simbólicos, é importante também dialogar sobre

a mudança da representação da figura feminina em produções audiovisuais ao longo do tempo, com o objetivo de compreender como as transformações sociais influenciaram na sua representatividade na mídia.

O Capítulo 2 finaliza-se com o subtópico **2.3. Aprisionamento do discurso feminista para a manipulação das subjetividades**, onde faz uma reflexão sobre em que medida a apropriação do discurso feminista na web série é de fato benéfica. Essa abordagem tenta evidenciar os encarceramentos simbólicos percebidos a partir da web série enquanto objeto desse estudo. Torna-se relevante explicar sobre a transformação de questões sociais como nicho de mercado pela Indústria Cultural, no intuito de debater se o surgimento de produções protagonizadas e produzidas por mulheres, bem como suas representações, são realmente uma mudança de paradigma conquistada pelo feminismo ou apenas mais uma forma de manipulação das subjetividades operada pelo sistema capitalista.

No Capítulo 3, intitulado **Encarceramentos cotidianos para além da ficção** busca-se analisar, a partir de recortes de cenas e diálogos presentes na web série *Orange is the new black*, situações de opressões de gênero vividas pelas personagens dentro do presídio e que também podem representar os encarceramentos simbólicos vividos pelas mulheres cotidianas que sofrem com a ação poder simbólico da dominação masculina. Este capítulo é subdividido em tópicos que permitem a explanação de diferentes formas de opressão instauradas sobre as mulheres em nossa sociedade. São estes tópicos: **3.1. O machismo nosso de cada dia vem do berço; 3.2. Cultura do estupro e relacionamentos abusivos; 3.3. Maternidade compulsória, violência obstétrica e direito ao aborto; 3.4. Femicídio e impunidade; 3.5. Direito à sexualidade, lesbofobia e transfobia.**

No Capítulo 4, intitulado **“Quando você pensa que está fraca, você já é”**, pretende-se dialogar sobre o enfrentamento das mulheres diante do contexto opressor que se perpetua, relacionando com possíveis mecanismos de resistência. Para tanto, o capítulo foi dividido em dois subtópicos. No subtópico **4.1. Quebrando correntes, barreiras e paradigmas**, pretende-se explicar sobre mecanismos de resistência utilizados por mulheres dentro e fora das prisões, partindo dos exemplos percebidos na web série, no intuito de revelar que é possível enfrentar as opressões de gênero e demais formas de encarceramento simbólico.

Já no subtópico **4.2. Narrativas de si como forma de resistir: experiência com o tirocínio docente**, pretende-se abordar a experiência do tirocínio docente, que buscou ressaltar as narrativas femininas como forma de discutir o movimento de luta das mulheres através da escrita, assim como a realização do colóquio *“A vida como narração”*, onde o depoimento das mulheres convidadas revelou as opressões de gênero sofridas e, conseqüentemente, as formas de encarceramento

simbólico que foram vividas e vencidas por elas, bem como os relatos presentes nos ensaios autobiográficos solicitados à turma (composta majoritariamente por mulheres).

Nas Considerações Finais, pretende-se retomar as discussões e reflexões construídas ao longo do trabalho, indicando os resultados alcançados e constatações feitas.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que o percorrer de construção da dissertação, aqui representado pela explanação do sumário, torna-se uma caminhada de aprendizados em diferentes nuances, que contribuem para a transformação do sujeito enquanto pesquisador e ser humano em alguém com um olhar mais plural sobre o mundo, principalmente quando o objeto pesquisado entranha-se diretamente com uma realidade observada e vivida por ele mesmo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. O conceito de esclarecimento. In: *Dialética do Esclarecimento*. Alemanha, 1947.
- AGUIRRE, Carlos. O cárcere na América Latina, 1800-1940. In: MAIA, Clarissa Nunes et al. *História das prisões no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 35 a 70, v. 1.
- ALMEIDA, A.; ALVES, I. *Mulheres em seridos: configurações*. Salvador: Edufba, 2015.
- ANGOTTI, Bruna. *Entre as leis da ciência, do estado e de deus: o surgimento dos presídios femininos no Brasil*. 2a ed revisada. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán. Instituto de Investigaciones Históricas Leoni Pinto, 2018.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo I e II*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BORGES, Juliana. *O que é encarceramento em massa?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *O poder simbólico*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- COLLING, Ana Maria. *A construção histórica do corpo feminino*. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2 – Jul./Dez. 2015
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. *Estarão as prisões obsoletas?* Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - capitalismo e Esquizofrenia*. V edição. Rio de Janeiro. Editora 34, 1996. Volume 3.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. de Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- FALUDI, Susan. *Backlash*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *Vigiar e punir*, I e II. 1975
- FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Ed. Vozes Limitada, 1971.
- GALLOP, Jane. *Além do falo*. Cadernos Pagu. Nº 16, p. 267-287, 2001.
- GARCÍA A GARCIA, F.; GÓMEZ MARTÍNEZ, P. J. *Narrativa televisiva: o ritmo na ficção audiovisual das séries de televisão*. Comunicação, Mídia e Consumo, v. 6, n. 16, 2009.
- GARCIA, Mylene, Fonseca. *Transtextualidade: a teoria de Gérard Genette ampliada ao estudo da adaptação fílmica*. Anais da VI SEVFALE, Belo Horizonte, UFMG, 2006.
- GHILARDI-LUCENA, Maria Inês.(Org.) *Representações no Feminino*. Campinas,SP: Editora Átomo, 2003.
- IBITI, A. *Por que amar Orange is the new black?* Disponível em <<http://deliriumnerd.com/2017/10/10/por-que-amar-orange-is-the-new-black/>> Acesso em 15 set. 2018.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. De Ivone Castilho Benedetti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- KERMAN, Piper. *Orange is the new Black*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- LACALLE, C. *As novas narrativas da ficção televisiva e a internet*. MATRIZES. Ano 3, nº 2, 2010.
- MAIA, A. C. M. M. *Orange is the new black: representação de grupos identitários e construção de estereótipos na série*. (Monografia) Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Comunicação Social, 2016.
- MAIA, Clarissa Nunes. *História das prisões no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 35 a 70, v. 1.
- MARQUES, V. F. C. *Cinema na Web: A Produção Audiovisual na Internet em Formato Websérie no YouTube*. São Paulo: XI Alcar, 2017.
- MENDES, Soraia da Rosa. *(Re)pensando a criminologia: Reflexões sobre um novo paradigma desde a epistemologia feminista*. Tese apresentada ao Programa de Pós graduação em Direito da Universidade de Brasília, PPG/FD/UnB. 2012.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MILLET, Kate. *Política sexual*. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1970.
- MINGNOLO, W. *Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>.
- MONTORO, T. S.; DALA SENTA, C. R. M. *Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino/masculino em formato televisivo para plataforma web*. Revista Cultura Midiática, UFPB, v. 15, p. 75-91, 2015.
- NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1995.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- REVISTA SUPERINTERESSANTE. *Quais eram os métodos medievais mais usados para fazer torturas?* Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-eram-os-metodos-medievais-mais-usados-para-fazer-torturas/>> Acesso em 16 jul 2019.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SANTIAGO, S. Análise e interpretação. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. 2.ed. Rio Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIS, Bruno Di; ENGBRUCH, Werner. *A evolução histórica do sistema prisional e a Penitenciária do Estado de São Paulo*. Revista *Liberdades*, nº 11, setembro/dezembro de 2012. | Publicação Oficial do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. Disponível em <http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=145> Acesso em 16 jul 2019.

SANTOS, Carla Adriana da Silva. *Ó pa í, prezada!:* racismo e sexismo institucionais tomando bonde no Conjunto Penal Feminino de Salvador. Dissertação. UFBA, 2016.

SILVA, Marcel Vieira Barreto; FREIRE, Rafael de Luna. *Sobre uma sociologia da adaptação fílmica: um ensaio de método*. *Crítica Cultural*, volume 2, número 2, jul./dez. 2007.

SILVA, Thais Maria G. da. *Reflexões sobre adaptação cinematográfica de uma obra literária*. *Anu. Lit.*, Florianópolis, v.17, n. 2, p. 181-201, 2012.

SOUZA, M. A. de; MILL, D. *Representações de gênero: sociedade, linguagem e mídia televisiva*. *Educação*, Batatais, v. 5, n. 1, p. 55-75, 2015.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.